



A PAISAGEM COMO LOCAL DE INTERAÇÃO SOCIAL: A ORLA DO GUAÍBA EM PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

Autores:

Clarissa Maroneze Garcia - Arquiteta e Urbanista - UNIFRA

Macklaine MilethoSilva Miranda - Doutoranda em Arquitetura - PROARQ - UFRJ



A PAISAGEM COMO LOCAL DE INTERAÇÃO SOCIAL: A ORLA DO GUAÍBA EM PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

Clarissa Maroneze Garcia, Arquiteta e Urbanista - UNIFRA, clarissamaroneze@hotmail.com

Macklaine Miletto Miranda, Doutoranda ProArq - UFRJ, macklaine.msm@gmail.com

Palavras-chave: Orla do Guaíba; Paisagem; Apropriação de espaços livres; Intervenção urbanística.

RESUMO

O presente artigo vem a ser a fase inicial de uma pesquisa sobre a apropriação da Orla do Guaíba, em Porto Alegre - RS, sendo este um local dinâmico e de interação social que atrai, diariamente, os porto-alegrenses, em virtude de sua paisagem cênica e espaços livres. Apesar da precariedade de infraestrutura e tratamento paisagístico deste espaço público, é reconhecida e crescente a apropriação da orla como local de lazer, recreação e práticas esportivas, principalmente nos finais de tarde e finais de semana. Neste sentido, este artigo visa retomar a importância da paisagem, das orlas e dos espaços livres para a população da cidade, tomando como objeto empírico a Orla do lago Guaíba.

LANDSCAPE AS A PLACE OF SOCIAL INTERACTION: THE EDGE OF GUAÍBA IN PORTO ALEGRE - RS - BRAZIL

Key-words: Edge of Guaíba; Landscape; Appropriation of the open spaces; Urban intervention.

ABSTRACT

This article comes to be the initial phase of research on the appropriation of the Edge of Guaíba, Porto Alegre - RS, being this a dynamic place and social interaction that attracts, daily, the population of Porto Alegre, due to its scenic landscape and open spaces. Despite the precarious infrastructure and landscaping of the public space, is recognized and growing appropriation of the waterfront as a place of recreation and sports activities, especially in the late afternoons and weekends. Therefore, this article aims to resume the importance of the landscape, the edges and the open spaces of the city, taking as empirical object Edge of the Lake Guaíba.



INTRODUÇÃO

As cidades que possuem atrativos cênicos, à exemplo disto, paisagens naturais, estão propensas a repercutir o fenômeno de apropriação de espaços livres, uma vez que este é determinado pela cultura e pelo hábito das populações. Além disso, o fato da grande maioria das cidades brasileiras não possuírem faixas litorâneas, instiga os residentes a procurar praças e parques como forma de recreação e integração social e com a natureza.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a Orla do Guaíba, que é o objeto empírico desse estudo, possui 70 km de extensão na sua totalidade. Para determinados pontos desta faixa é proposto um plano estratégico de intervenção urbana, bem como são conceituadas intervenções urbanísticas que visam contribuir na apropriação e usufruto desses espaços pela população residente e turística. O principal projeto de qualificação chama-se "Projeto Orla", lançado em 2011, pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que visa realizar intervenções em 1,5km de faixa linear, qualificando urbanisticamente e paisagisticamente este local junto ao Cais Mauá.

Os primeiros projetos propostos de qualificação da orla ainda não iniciaram, porém, apesar da falta de infraestrutura e tratamento paisagístico adequado, é possível observar, diariamente, a Orla do Guaíba, enquanto local de grande procura pelos porto-alegrenses como espaço livre de interação social, com atividades de lazer, cultura, esportes, contemplação de visuais e pequenos comércios.

Assim, este artigo, objetiva servir como base inicial para uma futura análise, mais profunda, da apropriação e ligação da população com este espaço livre. A faixa adjacente do lago, em diversos pontos, possui atrativos cênicos que serão expostos nesta pesquisa com intuito de demonstrar os espaços oferecidos até o presente momento, ano de 2014, e como os residentes da capital gaúcha os utilizam.

O trabalho teve como base o levantamento bibliográfico, que inclui artigos científicos, livros, estudos acadêmicos e dados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, pertinentes ao tema proposto. Como forma de ilustrar os cenários descritos no artigo, foram reunidas imagens relativas a Orla do Guaíba, fruto de observação, ao longo dos últimos quatro anos, pela autora.



1 PAISAGEM URBANA

Ao se falar de paisagem, seja predominantemente vinculada a processos naturais, ou resultante de processos de ocupação humana, pode-se afirmar que esta se transforma constantemente. As transformações podem ser de caráter natural, como chuvas e alterações climáticas, ou transformações humanas, que tentam atender a novas demandas sociais de forma muito dinâmicas e efetivas, principalmente nas grandes cidades e nas últimas décadas.

As mudanças da paisagem em que o homem está diretamente envolvido acontecem desde o primeiro momento em que ele firma uma relação com a natureza, passando a lidar com as características físicas e geográficas do seu meio. Posteriormente a essa primeira atitude, a relação homem-natureza passa por uma fase de grandes associações e conquistas humanas, que o levaram ao domínio em muitos e variados aspectos, chegando aos dias de hoje com mais e maiores possibilidades de aproveitamento de espaços, tendo em vista os consideráveis avanços tecnológicos. Essa nova realidade trouxe, no entanto, uma preocupação, uma tomada de consciência de limites pela sociedade, e as mudanças de comportamento relacionado ao respeito pela natureza começaram a se destacar (LAURIE, 1983).

O homem percebeu que ele pode intervir no seu meio ambiente, aperfeiçoando-o ou deteriorando-o, mas também está se dando conta de que deste resultado depende seu bem-estar de hoje e do futuro. Essa preocupação é pertinente quando percebemos a paisagem como herança, *“a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”* (AB’SABER, 2003, p. 9 apud SCHLEE ET al., 2009, p. 35).

Em dicionários, o vocábulo “paisagem” é definido como *“espaço geográfico que o olhar alcança num lance; panorama vista”* (HOUAISS, 2008, p. 551). Sob essa definição, a paisagem é tratada meramente como elemento distante, como parte integrante de um cenário.

Para Macedo, *“a paisagem pode ser considerada como um produto e como um sistema. Como um produto, porque resulta de um processo social de ocupação e de gestão de um determinado território.”* Neste sentido, o território é compreendido como uma parcela geográfica socializada, apropriada para seus habitantes, independente da



extensão territorial. Como sistema, *“na medida em que, a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá reações correspondentes, que equivalem ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total”* (MACEDO, 2009 apud SCHLEE Et al, p. 219).

[...] uma construção social, que incorpora os processos econômicos e produtivos, define estratégias de dominação sobre o espaço e seus recursos e que se manifesta sobre uma base física, através de múltiplas apropriações individuais e coletivas, delimitando marcas e marcos de identidade cultural (SCHLEE et al., 2009, p.34).

A partir desse entendimento do território quanto à apropriação social – política, econômica e cultural - de um espaço físico delimitado, no qual suas configurações se estabelecem a partir de trajetórias pessoais, sociais e espaciais determinadas por regras e normas tem-se como resultado significativo a paisagem urbana.

Por fim, para Cullen, paisagem urbana é *“um conceito que exprime a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o espaço urbano”*. Já para Macedo, paisagem urbana é definida pela sua estrutura morfológica, que pode ser caracterizada por elementos que se articulam entre si, como o suporte físico, os volumes urbanos (construídos ou plantados), os espaços livres de edificações, os parcelamentos e os seres vivos, em especial, os seres humanos que interferem mais significativamente na cidade.

2 ESPAÇOS LIVRES DE LAZER E RECREAÇÃO

O sistema urbano, no qual a maior parte da população está inserida, é um dos mais complexos sistemas, possuindo multissistemas e subsistemas, dentre os quais se identifica o sistema de espaços livres de edificação. Esses têm sua importância justificada sob três olhares: sob o desempenho da vida cotidiana; sob a constituição da paisagem urbana, da imagem da cidade, da sua história e da sua memória e, por último, a partir da participação e constituição da esfera da vida pública e privada. A partir desses três ângulos, o Sistema de Espaços Livres torna-se básico na existência de uma cidade (QUEIROGA et al., 2011, p.13). Ou seja, assim como as edificações são fundamentais para as atividades urbanas de abrigo, comércio, serviço, saúde, educação e lazer; os espaços não edificados – espaços livres - são essenciais para



drenagem, mobilidade, recreação e para o equilíbrio ambiental. Ambos contribuem para a formação da paisagem urbana.

Os espaços livres de edificação, passíveis de urbanização, podem ser divididos em dois grupos, segundo critérios de propriedade da terra: espaços públicos e espaços privados. Os espaços públicos são todos aqueles de uso e propriedade pública fazendo parte do cotidiano das cidades como ruas, largos, praças e parques. Os espaços livres privados são de uso e acesso restrito aos seus proprietários, entre eles estão os quintais das casas como também os espaços não edificados dos condomínios residenciais, comerciais e de empresas particulares. Entretanto, convém destacar a afirmativa de Macedo: *“os espaços livres privados, por sua vez, constituem um sistema paralelo e totalmente articulado e interligado, ao menos funcionalmente, com o sistema de espaços públicos”* (MACEDO, 2012, p.89).

Os espaços livres públicos estão vinculados à formação e à transformação da imagem urbana, contribuindo para qualificar a paisagem. Tângari et al. destaca que os espaços públicos são definidos por meio de arquétipos básicos de projeto, em relação à forma, ao uso e ao programa. Eles são classificados segundo atributos físicos: localização, distribuição, permeabilidade (física e visual) e qualidade paisagística e segundo atributos psicológicos: legibilidade e apropriação por parte da população (TÂNGARI et al., 2009).

Faz-se necessário, no entanto, entender o que denominamos de espaço livre dentro do contexto urbano, pois alguns autores substituem-no pelo entendimento de área verde. Para Macedo, a diferença é distinta ao afirmar que *“sua definição o qualifica apenas quanto a sua condição de não confinamento, entre quatro paredes e um teto, podendo a ele eventualmente serem agregados outros adjetivos”* (MACEDO, 2012, p.92).

O espaço livre pode ter vegetação como em um jardim, uma praça e um parque ou pode simplesmente ser uma área sem vegetação como um campo de futebol de várzea ou até mesmo ser árido como uma rua em centro urbano ou a areia da praia, ou como exemplificado na imagem a seguir, no entorno da Usina do Gasômetro em Porto Alegre (Figura 1).



Figura 1 - Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, e seu entorno imediato totalmente árido.
Fonte: Clarissa Garcia, 2012.

É pertinente destacar que não existe um tipo único ou ideal de sistema de espaços livres, tendo em vista que cada cidade tem sua história, estrutura e um suporte biofísico específico, resultando, assim, em uma morfologia singular, sem falar nas características socioeconômicas de cada caso.

As cidades em geral apresentam um sistema de espaços livres que vão sendo produzidos durante o processo de formação das mesmas. Este sistema de espaços livres estão em constante transformação e adequação às novas necessidades de seus usuários sem perder suas principais relações. Os elementos básicos componentes de um sistema de espaços livres de edificações dentro do contexto urbano são quatro: (a) de elementos de conexão: sistema viário; (b) de reunião: parques, praças, praias, orlas, etc; (c) de contemplação: jardins, bosques, gramado, alagados, lagos, etc; (d) de preservação, conservação ou amenização ambiental.



4.1 Elementos de conexão

As ruas e as calçadas são elementos urbanos predominantes e essenciais para a definição da acessibilidade, da infraestrutura e dos direcionadores dos assentamentos. Lama refere-se ao traçado das ruas como *“um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de projetar”* (LAMAS, 2010, p.98). Vale salientar, que o entendimento das principais ruas e avenidas são definidores da imagem da cidade. Diversas ruas, em determinadas cidades, tem presença bastante forte no imaginário da população e estão constantemente em um processo de transformações.

4.2 Elementos de reunião

4.2.1 Largos

Os largos são espaços livres públicos resultantes do desenho e do traçado viário e, de modo geral, podem assumir funções de praça, de referência a bairros, monumentos, entre outras.

4.2.2 Praças

As praças, juntamente com as ruas, consistem em importantes espaços livres públicos urbanos. *“A praça é, por excelência, um centro e um ponto de convergência da população que a ela acorre para o ócio, para comerciar, para trocar idéias e para o desempenho da vida urbana ao ar livre”* (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 16). Ela antecede a criação dos parques públicos, suas funções tem variado através dos séculos e estiveram sempre relacionadas a variações de uso e aos tipos de atividades refletidas em seus aspectos formais. Muitas praças são resultado de um desenho urbano, na maioria das vezes, estabelecido pela legislação de loteamentos e sua configuração é definida pelo seu entorno imediato, sendo as ruas e as edificações.

A definição de praça é muito ampla e muitos são os autores que discutem seu conceito, geralmente todos assumem a postura de que a praça tem configuração diretamente ligada à cultura de cada lugar. Leitão (2012) considera que cada praça tem a sua especificidade e a função é definida pelo modo como cada sociedade expressa sua vida coletiva e varia em consequência das mudanças sociais e históricas vivenciadas ao longo do tempo. Além de mudanças históricas e sociais, o clima também determina suas funções.



4.2.3 Parques

Os Parques são considerados por Macedo & Sakata como *“todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação”* e, quanto à morfologia, os autores classificam os parques como autossuficientes, isto é, o espaço *“não é diretamente influenciado em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno”*. (MACEDO & SAKARA, 2010, p.14). Diferenciando-se das praças, que são resultantes da configuração do seu entorno, o parque direciona seu entorno na medida em que valoriza os investimentos imobiliários de suas proximidades.

O parque público, como é conhecido hoje, é um elemento típico das grandes cidades e cada vez mais se faz necessária a construção de novos espaços, embora muitas vezes com dimensões menores do que as recomendadas. Devido ao incremento da densidade populacional, aumenta a demanda de uma grande diversidade de solicitações de lazer, tanto esportivo como culturais, e não o lazer contemplativo, característica dos primeiros grandes parques públicos.

4.2.4 Orlas marinhas e ribeirinhas

As orlas surgiram no Brasil no século XX, tendo como referência inicial e padrão de tratamento a Avenida Atlântica em Copacabana, no Rio de Janeiro - RJ (1970) (MACEDO, 2012).

O que se cria e recria é o conceito de passeio ao longo de um corpo d'água, pelo qual é possível o andar e a prática de esportes. O tamanho da calçada e do passeio varia de acordo com a disponibilidade local, de largas faixas ajardinadas e pavimentadas até estreitos caminhos, por vezes com características muito rústicas. Nestes espaços ao longo da calçada, é comum a disposição de quiosques de alimentação, esculturas, postos de salvamento, equipamentos esportivos, envolvidos por jardins ora muito elaborados, ora bastante simples (MACEDO, 2012, p. 207).

De uma forma geral, no Brasil, a orla marítima ou ribeirinha oferece diversas formas de lazer e recreação e, em razão da mudança de hábito das populações, que apropriam-se das orlas para encontros sociais em quiosques, feiras e principalmente, para a prática de esportes, acaba por tornar este, muitas vezes, o espaço público mais procurado de uma cidade (MACEDO, 2012). Na figura a seguir, é possível observar a



orla marinha da praia de Ponta Verde (Figura 2), na cidade de Maceió - AL, onde a ciclovia, calçadão e quiosques recebem usuários durante o dia e à noite.



Figura 2 - Orla marítima da praia de Ponta Verde na cidade de Maceió - AL.
Fonte: Clarissa Garcia, 2014.

É comum que em cidades com áreas litorâneas recebam maior visibilidade do poder público e com isso recebam intervenções, cuidados e ampliações, muitas vezes, mais do que áreas internas à cidade. A Orla de Maceió, apresentada acima, é um exemplo disto, pois passou por reforma em 2007 e 2008 e é atualmente, no ano de 2014, o principal atrativo paisagístico desta cidade, visto que, orlas urbanas, de um modo geral, contando com atributos naturais tais como areia, água e vegetação e com infraestruturas para lazer e esporte, assumem também um papel de parque urbano (MACEDO, 2012).

No caso da orla de Maceió e de muitas outras pelo Brasil, o tratamento paisagístico (salientando o plantio de coqueiros, ícones das prais brasileiras), a implantação de ciclovias, quiosques, pistas de corrida e de caminhada, quadras



esportivas e playgrounds, formam um harmonioso conjunto que instiga a apropriação do espaço pela população residente e atrai turistas e visitantes (MACEDO, 2012).

O calçadão da cidade brasileira tem uma característica própria, diversa daquelas de seus congêneres de outras partes do mundo, incorporando formas de uso de outros tipos de espaço [...] enfim, um espaço público que permite que em um mesmo local se desenvolvam uma série de atividades de um modo paralelo e simultâneo (MACEDO, 2012, p. 211).

Nesse mesmo aspecto, é válido lembrar, que em margens de rios, lagoas e represas o processo de tratamento arquitetônico e paisagístico também ocorre e incita ao uso das faixas ribeirinhas. Nestes casos, nem sempre a utilização das águas é prioridade, como acontece na grande maioria das áreas banhadas pelo oceano, mas a apropriação das orlas ribeirinhas enquanto espaços recreativos e de contemplação é de altamente procurado, como ocorre, por exemplo, na cidade de Porto Alegre, objeto empírico deste artigo e que será descrito a seguir.

5 A ORLA DO GUAÍBA

A Orla do lago Guaíba (Figura 3) está localizada na capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, e possui aproximadamente 70km, estendendo-se da Ponta do Gasômetro (ao norte do lago) até a Praia do Lami (no extremo sul) (HASENACK, 2008).

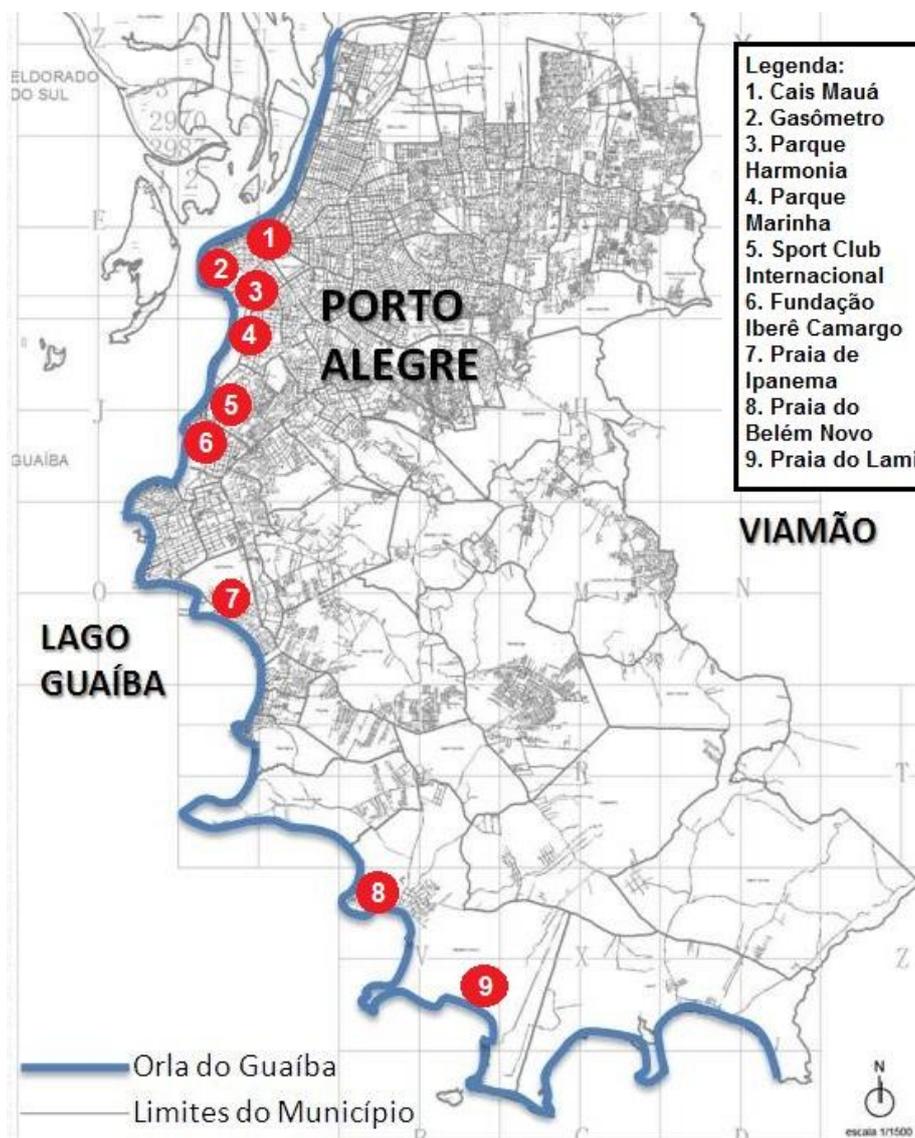


Figura 3 - Mapa com legenda dos principais pontos da Orla do Guaíba.
Fonte: Base fornecida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre com intervenção da autora.

Alguns pontos da orla do Guaíba oferecem infraestrutura para os seus usuários, em outros, existe uma ocupação destinada a cultura e ao lazer, embora ainda bastante precária e incentivada pelo poder público através do fechamento de vias. Estas áreas são sazonais, intensificadas no verão e nos finais de semana. Em sua maioria são locais bastante democráticos: recebem artistas, turistas, esportistas, pessoas de todas as idades que reúnem-se em vários pontos da orla com fins recreativos.

A norte e noroeste da cidade encontra-se a região portuária, onde estão localizados alguns clubes náuticos, o estádio Náutico e a Ponte do Guaíba. Nesta mesma área, há ocupações ligadas ao setor areeiro e da construção civil,



consideradas áreas marginais subutilizadas, degradadas e seccionadas da malha urbana, por ser isolada pela Autoestrada Marechal Osório graves, via de fluxo intenso. O Cais Mauá (Figura 4), área proveniente de aterros, também localizada-se na região portuária. Este local possui forte vínculo com a história de Porto Alegre, sendo seu Portão Central do Cais do Porto, Armazéns A e B, tombados pelo patrimônio histórico da União. À pouco tempo, este local, foi alvo de um projeto de revitalização, ainda não executado, desenvolvido pelo escritório do Arq. Jaime Lerner.

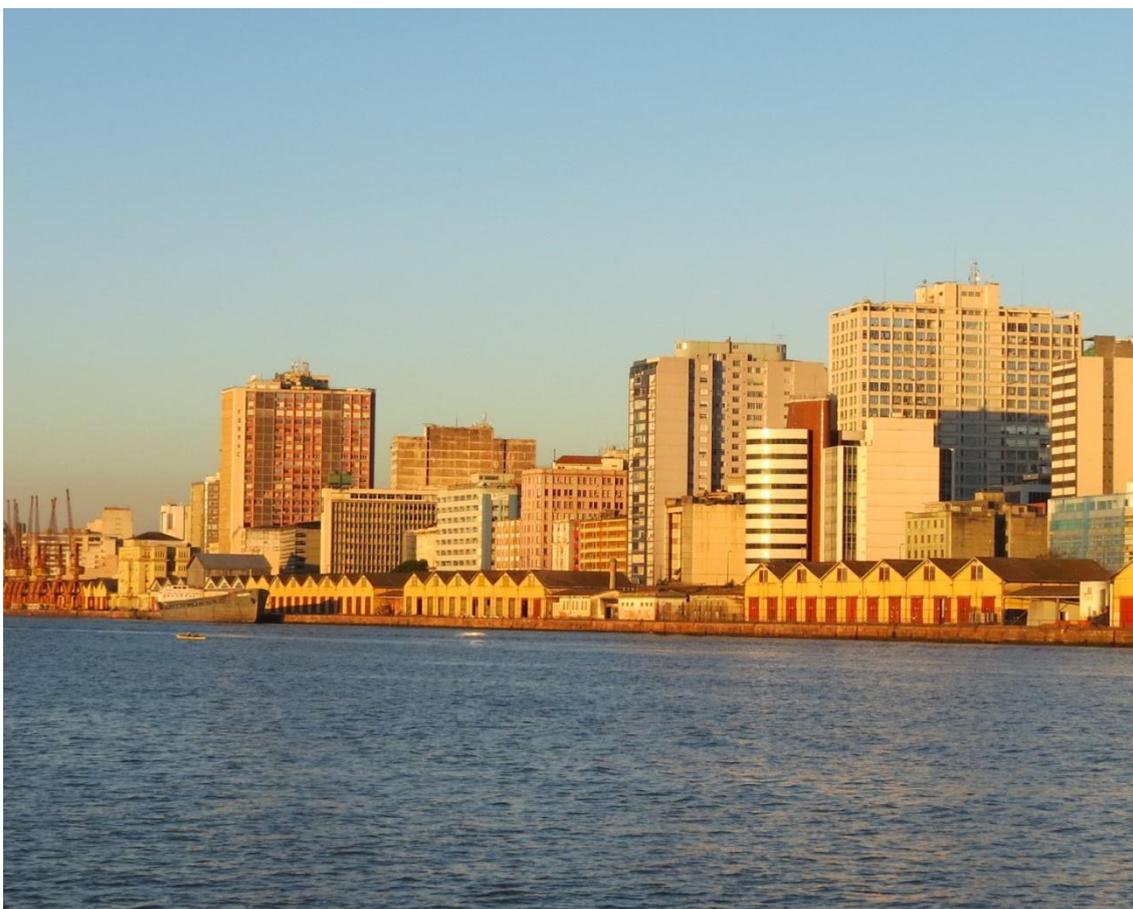


Figura 4 - Cais Mauá e seus armazéns.
Fonte: Clarissa Garcia, 2011.

Com o intuito de recuperar esse valioso espaço, segundo o site da Prefeitura de Porto Alegre, esta elaborou, em 2003, um primeiro estudo chamado "Diretrizes para a Orla do Guaíba". Na sequência, foi realizado um segundo estudo denominado "Relatório Orla: Condições Atuais, Possibilidades e Instrumentos para a Qualificação e o Resgate da Orla de Porto Alegre", complementando o trabalho anterior. Em 2010, é concluído o terceiro estudo, chamado "Diretrizes de Desenho Urbano para a Orla



Central", contendo propostas arquitetônicas de lazer e esporte para a orla, como equipamentos públicos privados, do trecho que se estende da Usina do Gasômetro até a área do Estádio Beira-Rio.

A Usina Termoelétrica do Gasômetro, inaugurada em 1928, localiza-se na Praia do Arsenal e também faz parte da orla. Importante ponto turístico e cultural de Porto Alegre, o "Gasômetro", após ser desativado como usina, passou por intervenções arquitetônicas e, desde 1991, funciona como um centro cultural, com o Memorial da Usina, salas de cinema, espaço para feiras, exposições e conferências, bar, terraço, entre outros (MENEGAT, 1998).

O espaço livre no entorno da usina (Figura 5) também é altamente procurado pela população, principalmente nos finais de tarde e finais de semana. Apesar do local apresentar precárias condições de infraestrutura e tratamento paisagístico, há uma apropriação deste trecho da orla como espaço de lazer e contemplação.



Figura 5 - Usina do Gasômetro e seu entorno.
Fonte: Clarissa Garcia, 2011.



Na ocasião da alta procura da população por este espaço, o Arq. Jaime Lerner, contratado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, desenvolveu o "Projeto Orla" e segundo dados do site do arquiteto, são propostos 7km de faixa linear que receberão tratamento paisagístico e urbano.

Enquanto o projeto não vigora, a Av. Edvaldo Pereira Paiva (Av. Beira-Rio) (Figura 6) é fechada pela Prefeitura nos domingos para receber o comércio informal (de artesanatos e lanches), e a prática de esportes pela população, por exemplo.



Figura 6 - Av. Edvaldo Pereira Paiva (Av. Beira-Rio) fechada para práticas esportivas aos domingos.
Fonte: Clarissa Garcia, 2012.

Entre outras atrações, estão os passeios de barco pelo lago e a contemplação do famoso pôr do sol do Guaíba (Figura 7), um dos símbolos da capital gaúcha.



Figura 7 - Pôr do sol visto da Orla do Guaíba.
Fonte: Clarissa Garcia, 2012.

Na sequência do percurso da Orla, em direção a Zona Sul da cidade, encontramos o Parque Harmonia, que está situado à margem direita do Arroio Dilúvio e que foi construído em cima da área de aterro que possibilitou a expansão da Praia de Belas, finalizada na década de 1960. Caracteriza-se por reunir, principalmente, diversos aspectos da tradição gaúcha, com churrasqueiras ao ar livre e galpão crioulo. Faz parte deste parque, o Anfiteatro Pôr do Sol, inaugurado em 2000, destinado a abrigar espetáculos e eventos.

Próximo ao Parque Harmonia, encontra-se o Parque Marinha do Brasil (Figura 8), que também foi construído em cima da área de aterro. A idéia de transformar a área em parque nasceu do desejo da população de reintegrar a cidade ao Lago Guaíba. É um parque da cidade que se caracteriza por ser o preferido dos esportistas, principalmente skatistas, por possuir uma ampla pista de skate. Além disso, o parque



conta com um jardim de esculturas, que propicia a convivência artística da comunidade em um espaço público de lazer (HASENACK, 2008).



Figura 8 - Parque Marinha do Brasil em um final de tarde.
Fonte: Clarissa Garcia, 2011.

Ao longo da orla são identificados espaços livres privados como é o caso da sede do Sport Clube Internacional, Estaleiro Só, clubes náuticos e sociedades de lazer e recreação. Dentre as edificações que tiram partido visual desta paisagem, destacam-se a Fundação Iberê Camargo, importante obra arquitetônica contemporânea, projeto do arquiteto português Álvaro Siza, e as torres comerciais que estão sendo construídas junto ao Barra Shopping Sul. Em alguns trechos, a orla é usada como campo de futebol e atividades de circulação de pedestres na calçada.

Finalizado o trecho da Av. Diário de Notícias e inicia a Av. Guaíba, a paisagem se transforma, embora a via fique mais próxima do lago, a relação visual é inexistente em função da ocupação dos terrenos por casas muito próximas ou até mesmo coladas às margens do lago. No bairro Vila Assunção, a Av. Guaíba é interrompida e o acesso



à praia fica ainda mais obstruído. Propriedades particulares (morádias, associações e clubes) privatizam a faixa da orla e a morfologia caracteriza-se por lotes com frente para avenida e fundos para o lago. Após o bairro Pedra Redonda, a Av. Guaíba é retomada e, neste trecho, no bairro Ipanema, a relação com o Lago Guaíba se intensifica novamente.

No trecho dos bairros Serraria e Ponta Grossa a orla está bastante preservada, a urbanização é quase inexistente e novo núcleo urbano só acontece em Belém Novo.

O último ponto da orla do Guaíba situa-se no bairro Lami, onde se encontra a Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger e a Praia do Lami (Figura 9) de águas fluviais. Atualmente, a praia do Belém Novo e do Lami são as únicas próprias para banho, segundo a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), porém, pouco visitadas pela população porto-alegrense pela falta de infraestrutura e incentivos.



Figura 9 - Praia do Lami, último ponto da Orla do Guaíba, no extremo sul da cidade de Porto Alegre.
Fonte: Clarissa Garcia, 2014.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas de espaços livres estão em constante transformação e adequação às necessidades dos usuários e estas ações podem resultar na qualificação da paisagem e na recuperação da imagem urbana. Os espaços de lazer e recreação, que podem ser largos, praças, parques ou orlas, como no caso deste estudo, não exigem, necessariamente, projetos sofisticados ou grandiosos e sua construção pode ser junto a paisagens naturais que, com poucos equipamentos, tais como bancos, lixeiras, postes de iluminação e *playgrounds*, já podem alcançar grandes benefícios sociais e a valorização do entorno urbano (MACEDO, 2012).

Através da pesquisa apresentada, é possível observar que, apesar das transformações contemporâneas, como os encontros através das redes sociais virtuais, os parques e praças da cidade ainda possibilitam a socialização e fazem parte do cotidiano da população. Em alguns locais da Orla do lago Guaíba, por exemplo, é possível encontramos várias tribos: vendedores ambulantes, idosos, crianças, público de todas as classes sociais. A convivência entre esses diferentes grupos funda um espaço democrático reforçando o caráter público do lugar e a valorização da cidadania.

Esta procura da orla como espaço público de lazer é recente, pois, por muitos anos, a cidade viveu de costas para seu lago, em razão do poder público nunca antes ter pensado na proteção ambiental das águas e em um planejamento urbano que visasse a interação dos residentes com o Guaíba. Apesar disso, podemos identificar um forte vínculo da população porto-alegrense com sua orla nos dias atuais (2014). Apesar desta encontrar-se degradada, sem trato paisagístico e com poucas condições de infraestrutura, as pessoas apropriam-se do espaço como local de interação social.

Assim, a fase inicial deste estudo, apresentando os conceitos de paisagem urbana e de espaços de recreação e lazer, buscou ilustrar as atividades e locais apropriados pela população porto-alegrense na Orla do Guaíba, para que, posteriormente, sirva como base, para a realização de uma pesquisa mais profunda sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 1983.

QUALIFICAÇÃO URBANA DA ORLA. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=151> Acesso em: 24/06/2014.



HASENACK, Heinrich et al. (Coord.). Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre: Geografia, Solo, Drenagem, Vegetação/Ocupação e Paisagem. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2008.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 5. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LAURIE, Michel. Introducción a la arquitectura del paisaje. Editora Gustavo Gilli: Barcelona, 1983.

LEITÃO, Lúcia (Org.). As Praças que a Gente Quer: Manual de Procedimentos para Intervenção em Praças. Recife: Prefeitura Municipal, 2002.

MACEDO, Silvio Soares e ROBBA, Fabio. Praças Brasileiras. São Paulo, Edusp, 2003.

MACEDO, Silvio S. Paisagismo Brasileiro na Virada do Século – 1990-2010. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

_____. Paisagem, turismo e litoral. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) Turismo e Paisagem. São Paulo: Turismo Contexto, 2002.

MENEGAT, Rualdo (coord.geral). Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1998.

MIRANDA, Macklaine M. Análise qualitativa do sistema de espaços livres em Porto Alegre - Parques. Memorial de qualificação para defesa da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2013.

ORLA DO GUAÍBA, Arq. Jaime Lerner. Disponível em: <<http://www.jaimelerner.com/orla-guaiba.html>> Acesso em: 25/06/2014.

PLANO DIRETOR DE DEENVOLVIMENTO URBANO E AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal de Porto Alegre: 1999.

SCHLEE, Mônica Bahia; NUNES, Maria Julieta; REGO, Andrea Queiroz; RHEINGANTZ, Paulo; DIAS, Maria Ângela; TÂNGARI, Vera Regina. Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – um Debate Conceitual. In: Revista Paisagem e Ambiente - Ensaio no. 26. São Paulo: FAU-USP, 2009. ISSN 1517-2422. p.225-247.

TÂNGARI, Vera R., SCHLEE, Mônica B., WAJSENZON, Márcia e ANDRADE, Rubens de. As formas e os usos dos sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras: elementos para a leitura e análise das esferas pública e privada debatidos sobre a paisagem urbana. In: TÂNGARI, Vera R.; SCHLEE, Mônica B. e ANDRADE, Rubens de (org.). Sistemas de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ-PROARQ, 2009.